

CONFERÊNCIA “REINVENTAR O ENSINO SUPERIOR”

ENTREVISTA SANTIAGO IÑIGUEZ DE ONZOÑO reitor da Universidade IE

“Acredito que Bolonha vai originar mais fusões”

Reitor da IE falou ao Económico sobre a forma como vê o futuro do ensino superior.

PEDRO QUEDAS
pedro.quedas@economico.pt

Com o ensino superior a atravessar um dos seus mais profundos períodos de transformação, a universidade IE, de Espanha, decidiu organizar, entre ontem e hoje, uma conferência internacional dedicada ao tema “Reinventar o Ensino Superior”. Durante dois dias, o campus de Segovia acolhe nomes de topo do mundo académico, empresarial e jornalístico naquele que esperam ser um fórum mundial de discussão das novas realidades da universidade moderna. Esta será a primeira de um ciclo de conferências que se pretende anual.

Santiago Iñiguez de Onzoño, reitor da IE, explica ao Económico como os docentes universitários se têm mostrado resistentes à mudança e comportado de uma forma “amadora”, e que este tipo de discussão procurará “instilar a importância de um profundo conhecimento da indústria e de uma cultura de liderança”.

Para tal, o reitor da IE e os vários oradores convidados reúnem-se para abordar temas tão variados como a globalização do ensino, a revolução tecnológica e o seu impacto no novo perfil do estudante universitário, a credibilidade dos ‘rankings’ ou a aposta nas fusões como potencial forma de combate à crise económica.

Quais são as principais questões que preocupam as universidades modernas?

As duas principais preocupações na maioria das universidades em todo o mundo são a governação e sustentabilidade financeira. No entanto, as universidades atravessam também o desafio de se tornarem catalisadoras de inovação e responsabilizarem-se perante a sociedade de várias formas: o modo como a investigação está a ser utilizada para o desenvolvimento e a inovação, as relações entre universidades e empresas, o modo como as novas tecnologias mudam o modo como o conhecimento é gerado e distribuído e a adaptação ao novo perfil do estudante universitário. Todos estes assuntos vão ser discutidos na conferência.

Com a globalização do ensino superior, as universidades não correm o risco de perder a sua identidade?

O processo da globalização tem duas faces. Um é a uniformização dos programas, conteúdos e graus académicos. O outro é a emergência das singularidades e tradições locais. A globalização promove a mobilidade além-fronteiras de estudantes, professores e conhecimento, mas ao mesmo tempo cada vez mais atenção é dada ao estudo de assuntos locais. O global e o local são duas faces da mesma moeda, é o que costumamos chamar de “glocalização”.

O mundo académico tem-se mostrado

Os estudantes vão exigir não universidades mas “multiversidades”, com um ensino ‘online’ que permite a criação de aulas verdadeiramente internacionais e um intenso debate multicultural.

capaz de adequar a sua oferta ao novo perfil do estudante universitário?

Novas e melhoradas formas de comunicação ‘online’, essencialmente diferentes do normal ensino à distância, estão a abrir o caminho para experiências de ensino revolucionárias que permitem aos alunos combinar o estudo com estágios internacionais. Os estudantes vão exigir não universidades mas “multiversidades”, com um ensino ‘online’ que permite a criação de aulas verdadeiramente internacionais e um intenso debate multicultural.

Que reacção podemos esperar das universidades perante esta revolução tecnológica?

As universidades já não podem continuar a reclamar o estatuto de serem os únicos geradores de conhecimento, porque este agora emana de muitos sítios diferentes, dentro e fora do meio académico, e passa por múltiplos canais na Internet. No novo mundo multipolar, as universidades fazem os seus contributos intelectuais ao funcionarem como incubadoras para armazenamento e difusão de ideias.

Um debate que divide o mundo académico é o da credibilidade dos ‘rankings’ universitários.

‘Rankings’ universitários, se conduzidos de acordo com os princípios básicos da imparcialidade, transparência e consistência, acrescentam verdadeiro valor ao mercado. Nos últimos anos, muitos novos modelos de organização de ‘rankings’ tem surgido, uma prova de que há uma procura por parte do mercado. Eu aprecio especialmente a atitude positiva dos criadores de ‘rankings’ que contribuem para a transparência desta actividade com debates construtivos com os representantes das instituições que estão a avaliar. É importante também perceber que este fenómeno não é exclusivo à educação, sendo comum a vários sectores da indústria como empresas de advogados ou empresas de consultoria. Certamente, os ‘rankings’ estão aqui para ficar e vão provavelmente proliferar no futuro.

Face à crise económica, devem as universidades pensar cada vez mais em fusões?

Muitos analistas têm diagnosticado que o ensino superior se está a tornar um sector verdadeiramente global e, consequentemente, os padrões da globalização nas outras indústrias podem ser aplicados aqui. Isto inclui uma progressiva concentração da oferta, com o nascimento de uma nova “espécie”: grandes conglomerados voltados para o lucro, grandes mega-universidades, para além de fusões e parcerias. Para já, o mercado tem assistido acima de tudo ao crescimento de alianças estratégicas, de uma



forma semelhante ao que acontecer nas companhias aéreas, onde restrições legais, entre outros factores, limitam a ocorrência de fusões totais.

O mercado está, portanto, ainda fechado a fusões motivadas por interesses económicos?

As fusões entre instituições académicas são iniciativas mais complicadas e dramáticas que as parcerias, sendo o principal desafio a integração das diferentes culturas de cada organização numa só. No entanto, elas podem trazer uma maior escala e mais recursos para competir num mercado global. Acredito que o Processo de Bolonha vai provavelmente originar mais fusões e aquisições de instituições académicas no futuro.

Efeitos da globalização

>> Um é a uniformização dos programas, conteúdos e graus académicos;

>> O outro é a emergência das singularidades e tradições locais;

>> A globalização promove a mobilidade além-fronteiras de estudantes, professores e conhecimento, mas ao mesmo tempo cada vez mais atenção é dada ao estudo de assuntos locais. O global e o local são duas faces da mesma moeda, é aquilo a que Santiago Iñiguez de Onzoño chama de “glocalização”.

Foto cedida pela IE

Santiago Iñiguez de Onzoño recebe hoje e amanhã nomes de topo do mundo académico para a conferência "Reinventar o Ensino Superior".



Novos professores evoluem de “gurus” para “cangurus” do conhecimento

PEDRO QUEDAS

pedro.quedas@economico.pt

Com todas as evoluções que o mundo universitário tem feito para acolher as constantes mudanças sociais, económicas e culturais a que tem sido sujeito, um dos seus principais desafios é fazer com que os seus professores se adaptem a uma nova realidade em que o ensino superior não se limita mais a uma mera transmissão de conhecimento.

“Tradicionalmente, os professores eram os mestres na sala de aula e os guardiões do conhecimento”, lembra Santiago Iñiguez de Onzoño, reitor do IE. “No entanto, os novos meios de educação exigem que os

docentes funcionem mais como maestros e catalisadores de ensino. Alguns académicos encaram esta situação com medo. Não entendem os novos estudantes e sonham com uma realidade utópica que nunca

“Os novos meios de educação exigem que os docentes funcionem mais como maestros e catalisadores de ensino”, diz Santiago Iñiguez de Onzoño.

existiu”.

O trabalho dos professores neste novo contexto é muito exigente. É preciso combinar uma sólida componente de investigação com muito boas técnicas de ensino e comunicação. Tudo isto sem esquecer o necessário entendimento do modo de funcionamento do mundo profissional, tanto de um modo geral como em cada uma das suas diferentes disciplinas.

Para Santiago Iñiguez de Onzoño, isto significa que “enquanto os professores eram vistos anteriormente como ‘gurus’, pessoas capazes de enquadrar ideias brilhantes

e originais, agora precisamos de académicos capazes de balancear muitas técnicas e métodos diferentes. Eu chamo-os de “cangurus”, pessoas capazes de saltar facilmente de um assunto para o outro”.

Para o reitor da IE, este novo docente tem de se mostrar capaz de saltar do mundo académico para o mundo empresarial e voltar de novo das empresas para a sala de aula. E ser excelente em todas estas diferentes facetas do seu trabalho. “Estes ‘cangurus’ são muito raros no mercado e todas as escolas de negócios de topo competem, hoje em dia, para os atrair”, revela.